



Decorria o ano de 186, quando todo o mundo se emocionou de forma singular por uma experiência científica sem precedentes nos anais da ciência. Os membros do *Gun Club*, círculo de artilheiros fundado em Baltimore depois da guerra da América, tiveram a ideia de comunicar com a Lua, enviando-lhe uma bala de canhão.

(...)

A forma da bala foi alterada, apresentando-se então cilindrocónica. Esta espécie de vagão aéreo foi guarnecido de poderosas molas e de tabiques facilmente destrutíveis, capazes de amortecer o efeito de repercussão à partida. Abasteceram-no de víveres para um ano, de água para alguns meses, de gás para alguns dias. Um aparelho automático fabricava e fornecia o ar necessário à respiração dos três passageiros. Simultaneamente, o *Gun Club* mandou construir, num dos cumes mais altos das montanhas Rochosas, um gigantesco telescópio que permitia acompanhar o projétil no seu trajeto através do espaço. Estava tudo a postos.

A 30 de novembro, à hora combinada, entre uma extraordinária multidão de espetadores, foi dado o sinal de partida e, pela primeira vez, três humanos, abandonando o globo terrestre, elevaram-se no espaço interplanetário, praticamente certos de alcançar o seu objetivo.

(...)

Mas circunstância inesperada, a detonação produzida pelo *Columbiad* teve por efeito imediato perturbar a atmosfera terrestre, por acumulação de uma enorme quantidade de vapores. Este fenómeno provocou uma indignação generalizada, pois subtraiu a Lua, durante várias noites, aos olhares dos interessados.

(...)

Mas, finalmente, para satisfação de todos, uma forte tempestade limpou a atmosfera, na noite de 11 para 12, e a Lua, meio iluminada, recortou-se no fundo negro do céu.

(...)

*In Verne, Júlio; À Volta da Lua (1870); Biblioteca Júlio Verne; Círculo de Leitores.*